

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA DO ALUNO PORTADOR DE NECESSIDADES
ESPECIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

DANIELA ALCÂNTARA FAGUNDES

2902 n. 9
(c)

COCE/UFU
Correspondência Recebida
em 15/03/98
Bastiani

DANIELA ALCÂNTARA FAGUNDES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus S^{ra} Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

**DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA DO ALUNO PORTADOR DE NECESSIDADES
ESPECIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto
de História da Universidade Federal
de Uberlândia, como exigência
parcial para obtenção do título de
Bacharel em História, sob a
orientação da Profa. Ms. Sheille
Soares de Freitas Batista

UBERLÂNDIA, MARÇO DE 2005.

Fagundes, Daniela Alcântara, 01/04/1977.

Discutindo a vivência dos alunos portadores de necessidades especiais no ensino superior.

Daniela Alcântara Fagundes – Uberlândia, 2005

53 folhas

Orientadora: Sheille Soares de Freitas Batista

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

3 palavras chaves do trabalho. Acessibilidade física, social e cultural.

DANIELA ALCÂNTARA FAGUNDES

**DISCUTINDO A EXPERIÊNCIA DO ALUNO PORTADOR DE NECESSIDADES
ESPECIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA:

Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS

Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº

Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Sheille Soares de Freitas Batista - Orientadora

Profa. Ms. Rejane Reis de O. Rodrigues

Profa. Ivani Rosa

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus a oportunidade de ter vivido momentos tão importantes no curso de graduação, onde além do conhecimento, também vivenciei amizade, companheirismo e força de vontade.

Aos meus pais, Edna e Rubens pelo apoio constante, mostrando que tudo na vida podemos, a partir da força de vontade e respeito ao próximo.

Ao meu irmão, André Francisco, o exemplo de determinação, respeito ao próximo e objetivos de crescimento, com quem pude me espelhar para seguir em frente.

Ao meu marido, Willian, que além de apoio, em vários momentos, também fez o papel de “auxiliar”, digitando trabalhos, ajudando na leitura de textos ou mesmo, na elaboração de trabalhos.

Aproveito para agradecer também todos os professores e colegas que com seus conhecimentos, amizades e companheirismo, contribuirão não apenas no conhecimento, mas também como apoio para momentos que mostravam-se difíceis, como o desânimo, mas o carinho sempre esteve presente, mostrando que tudo na vida podemos, basta termos força de vontade e perseverança.

AGRADECIMENTOS

Desejo aqui, agradecer a todos que colaborarão com essa pesquisa.

A Professora Sheille que mostrou sempre compreensão, delicadeza e também contribui muito com conceitos e reflexões novas.

Agradeço também ao secretário do Curso de História, João Batista, que nestes sete anos de graduação esteve sempre a disposição para auxiliar nas dúvidas e resoluções de questões burocráticas ligadas a graduação.

RESUMO

Ao discutirmos as experiências vivenciadas pelos alunos portadores de necessidades especiais nos cursos de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, analisamos primeiramente as experiências por eles vividas em suas famílias, trabalhos e suas ligações com centros de apoio ao portador de necessidades especiais.

Após elaborarmos essa discussão, foi possível efetuar análise acerca da compreensão e discussão das experiências vividas nos centros de ensino superior e se os mesmos possuem acessibilidade física e intelectual.

Foi possível concluirmos que apesar de existirem leis que regulamentem a acessibilidade através de independência, segurança e conforto aos portadores de necessidades especiais, ainda existem várias dificuldades encontradas por eles tanto nos centros de ensino superior, quanto nos ambientes da cidade.

Analisamos também que tanto a acessibilidade física quanto a intelectual, são forjadas dos portadores de necessidades especiais, devido a falta de preparo do corpo docente, através de metodologia e materiais didáticos adaptados as necessidades destes alunos.

Porém, o preconceito não mostra-se apenas através do Poder Público e dos centros de ensino superior, através da falta de acessibilidade, mas também estão presentes em outros discentes que frequentaram as aulas juntamente com os alunos portadores de necessidades especiais e também pelos familiares.

Mas, todas as dificuldades e barreiras, mostram-se como uma vitória alcançada pelos alunos do ensino superior portadores de necessidades especiais, pois como suas realizações, mencionam a conclusão em graduação.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1. Vivências familiares	14
Capítulo 2. Vivências no ensino superior.....	26
Capítulo 3. Conquistas e Realizações	40
Conclusão.....	46
Fontes orais.....	51
Bibliografia.....	53

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como meta principal, analisar o cotidiano dos egressos portadores de necessidades especiais, através de uma pesquisa sobre suas relações familiares, cotidiano no trabalho e na vida acadêmica.

É necessário discutirmos a nomenclatura ou expressão: portador de necessidades especiais, pois ao longo dos anos, várias foram as expressões utilizadas: portador de deficiência, alunos com deficiência, etc. Segundo Mazzota (1996)¹, é adequado o termo alunos que *apresentam* necessidades educativas especiais, pois sustenta o significado de portar, subtende para o outro perceber.

Considerando o objetivo dessa investigação, poderemos discutir se essas instituições de ensino superior de Uberlândia, estão estruturadas para receber e apoiar esses egressos.

Para que esta pesquisa se efetivasse, necessitamos fazer uma definição, ou seja, focalizarmos os alunos das Universidades pública e privada da cidade de Uberlândia, ingressados entre 1996 a 2003.

A opção pela década de 1996, foi feita pelo fato de ter sido este o período em que de fato a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 93 94/96 apresentou de forma mais significativa um interesse em relação às pessoas portadoras de necessidades especiais como podemos ler nos artigos 58 “...a modalidade educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.”.

É necessário salientar que não pesquisaremos apenas os acontecimentos no presente destes alunos, mas também suas trajetórias de vida, vivências e experiências adquiridas ao longo dos anos, para que possamos compreender como é a imagem atual que ele faz de si mesmo.

Em relação à escolha deste tema, é necessário afirmar que foi devido a uma “influência” de minha mãe, devido ao fato dela trabalhar a mais de nove anos no ensino

¹ Marcos J S Mazzota, in Educação especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo. 1996.

alternativo², efetuando o acompanhamento pedagógico com crianças portadoras de necessidades especiais, através de aulas complementares que auxiliam o processo de aprendizagem como alfabetização, leitura.

No trabalho de minha mãe, vejo a luta pela educação inclusiva, através do conhecimento corporal das crianças e de uma educação que possibilite a esses alunos, o acesso ao aprendizado, conscientização de sua igualdade de direitos. Neste processo, é também necessário o reconhecimento da escola sobre as necessidades de um material didático adaptado, preparação do corpo docente, capacitação da estrutura física, para que o centro escolar receba estes alunos.

Através de uma pesquisa, pude constatar que apesar do tema educação inclusiva ser bastante discutido no âmbito acadêmico, a realização de trabalhos a cerca dos portadores de necessidades especiais no ensino superior, mostra-se escasso, ou quase nulo.

Faz-se necessário uma discussão posterior sobre o “esquecimento” por parte dos pesquisadores em Educação Especial e Instituições de Ensino Superior, a cerca das crianças portadoras de deficiência sensorial que crescem, e alcançam o ensino superior, continuando assim, a ter as mesmas necessidades como material didático adaptado, acessibilidade, não só na instituição de ensino, mas também ao transporte público e às ruas da cidade.

Nossa premissa é a de que a instituição de ensino superior deve rediscutir as lacunas que existem na sociedade em relação às capacidades dos portadores de necessidades especiais, rediscutindo assim, o próprio papel para não só a formação desse egresso em profissional, mas em um cidadão conscientizado de seus direitos e capacidades.

A respeito da importância da Educação, o filósofo John Dewey, utiliza-se da seguinte afirmação “...eu acredito que a instrução é o método fundamental do progresso e das reformas sociais...”³, elucidando que a educação é uma ferramenta que possibilita a resolução de questões pessoais, através de uma conscientização e é contra as idéias tradicionais de “formar” os sujeitos de acordo com modelos prévios.

² O projeto iniciou-se em 1991 e foi implantado em 1992 em 5 escolas urbanas e uma rural. Através do Projeto Ensino Alternativo, é dado assistência ao aluno portador de necessidades educativas especiais, o mesmo refere-se a uma dinâmica de ação pedagógica para favorecer a aprendizagem dos alunos portadores de deficiência auditiva, física, visual, mental leve e distúrbios de aprendizagem.

³ John Dewey, Meu Credo pedagógico, 1897.

O saber é constituído de conhecimentos e vivências, considerando assim, experiências dos educandos e dos educadores. Propiciando uma relação de diálogo e troca de conhecimentos mútuos entre professores e educadores.

Sobre a Educação Especial, cabe a ela o atendimento as necessidades educacionais dos alunos que :

*"(...) por apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondentes à sua idade, requer recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas. Genericamente chamados de portadores de necessidades educativas especiais, classificam-se em: portadores de deficiência (mental, visual, auditiva, física, e múltipla), portadores de condutas típicas (problemas de conduta) e portadores de altas habilidades(superdotados)"*⁴

Existem também outros pesquisadores na área de Educação Especial, como Mazzota que definem a mesma como:

*"(...) a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens"*⁵.

Segundo estudos de Mazzota, todos os alunos são especiais e toda escola também é especial, porém o que se colocam são necessidades especiais na defrontação do meio físico e social. O educador também salienta que da mesma maneira que os demais alunos em uma determinada realidade escolar, os alunos portadores de necessidades especiais, apresentarão necessidades educacionais comuns e especiais em relação ao seu cotidiano. O mais importante, segundo Mazzota é não se esquecer das necessidades fisiológicas, de segurança, de participação social, reconhecimento e realização que estão intrincadas as

⁴ Mec, Brasil, SEESP, 1994, p.13

⁵ Marcos J S Mazzota, in Educação especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo. 1996. p. 11

necessidades educacionais e que só assim a verdadeira inclusão escolar e social acontecerá, através da vivência de sentimentos e atitudes de respeito ao outro cidadão.

Far-se-á necessário classificarmos que neste trabalho, não existe a intenção de focalizar a deficiência, mas sim desvelar os discursos utilizados como forma de discriminação, que lutam para não perceberem os indivíduos com deficiência, como sujeitos envolvidos nos processos históricos.

Ao investir nesta problemática, é feito um elencamento com a metodologia a História Oral, salientando a importância de saber ouvir, decodificar as mensagens narradas pelos protagonistas de nossa História.

A História Oral busca compreender as diferentes vozes, dando-lhes uma característica diversa, sendo que a reelaboração dos fatos históricos é respeitada, a partir da narrativa de seus protagonistas.

Segundo Paul Thompson⁶, a História Oral é uma fonte de mudança a partir do objetivo que se quer alcançar com ela:

“A história oral não é um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior, e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (p. 22).”

Os defensores da história oral analisam que a subjetividade não pertence apenas à história oral, mas também a outras fontes que possuem subjetividade, independente das mesmas serem orais, escritas ou visuais e relação do historiador com as fontes.

⁶ Paul Thompson. . A voz do Passado: História Oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1992

Desta forma, a história oral possui uma contribuição no que diz respeito a se fazer ouvir não apenas aos “detentores da verdade”, mas sim também outros agentes históricos que dentro da história consagrada não são contemplados, cabendo ao pesquisador discutir e elucidar novos momentos e sujeitos que também constituem o processo histórico, tendo como exemplo pessoas pobres, mulheres, idosos, pessoas portadoras de necessidades especiais, crianças.

Utilizaremos então, essa fonte por se tratar de nosso objeto de pesquisa, alunos portadores de necessidades especiais, agentes históricos e discutir até que ponto são excluídos, seja no meio acadêmico ou no convívio social. E através da percepção de suas falas e relatos, observamos como os mesmos analisam sua inserção e relação no meio acadêmico e os caminhos e dificuldades até alcançarem essa instituição.

Buscando também conhecer as experiências dos alunos portadores de necessidades especiais na academia, no que diz respeito às barreiras de ordem arquitetônica e ainda mais, atitudinal, para permanecerem nesse locus, contando para isso com a análise de sua trajetória de vida.

Mas para compreendermos a realidade de inserção destes alunos, foi necessário não apenas ouvi-los, mas também ouvir as Instituições vinculadas aos portadores de necessidades especiais como APARU⁷ e ADEVIUD⁸ e professor da instituição de ensino. Sendo assim, foram realizadas entrevistas com alunas que cursaram graduação na Universidade Federal de Uberlândia. Foi privilegiado para essa análise o Campus Santa Mônica, devido há algumas razões: número maior de alunos dentro da Universidade, local onde as entrevistadas estudaram e local onde eu também estudei, oferecendo assim, melhores condições de análise sobre acessibilidade pelas entrevistadas.

Analisando esta diversidade de posições que também fazem parte da realidade das Instituições de Ensino, foi possível através uma outra perspectiva, elucidar ainda mais questões que anteriormente já haviam sido colocadas pelos alunos portadores de necessidades especiais, mas que os funcionários destas instituições de ensino acabam por

⁷ APARU – Associação Paraplégicos de Uberlândia, fundada em, situada na rua Juvenal Martins Pires, número 281, Bairro Jardim Patrícia. Uberlândia/MG.

⁸ ADEVIUD- Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia, fundada em 1972, situada na Avenida Segismundo Pereira, número 1355. Uberlândia/MG.

também confirmar: o Centro de Ensino está preparado para receber este aluno, através a acessibilidade física, preparação do corpo docente e material didático adaptado?

No processo de construção de conscientização sobre seus direitos, seu papel na sociedade e conhecimento do seu “eu”, podemos analisar através das entrevistas concedidas pelos alunos, a importância de Instituições como Adeviud, no sentido de oferecer primeiramente socialização com outros portadores, possibilitando a discussão sobre os desafios de cada um, cotidiano, barreiras enfrentadas e também caminhos encontrados por cada um para superar os desafios.

CAPÍTULO 1 – VIVÊNCIAS EM FAMÍLIA

Através da utilização da História Oral, como principal fonte de pesquisa deste trabalho, é possível analisarmos que o papel da investigação é (...) *mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente*¹.

Assim sendo, através da análise e da contraposição das entrevistas feitas com os alunos portadores de necessidades especiais, poderemos perceber como percebem suas experiências e vivências no ambiente de trabalho, nas instituições que freqüentam, relações familiares e como entendem a sua condição física, observando assim como é formada a construção de sua identidade social.

Inicialmente, no primeiro contato que tive com as entrevistas, pude perceber que apesar de serem portadoras de deficiência, existe uma diferenciação no que concerne a representação de si mesmo, experiências, necessidades e expectativas entre os interlocutores.

Foi possível fazer uma divisão ou classificação entre os diferentes tipos de portadores de deficiência (além dos portadores de deficiência visual, motora e auditiva² por meio da análise dos depoimentos onde mencionam que (...) *existem deficiências diferentes e necessidades diferentes* (...)³: aqueles que nascem com a deficiência e a portaram até o fim de suas vidas, aqueles que a adquirem por uma doença ou acidente mas que podem se utilizar de algum método como o transplante para habilitar-se novamente ou aqueles que adquirem a deficiência e a portarão para sempre.

Porém, é necessário ressaltar que mesmo no caso onde a deficiência é passível de tratamento como no transplante, as experiências, lutas e vivências adquiridas no período em

¹ KHOURY, Y A. Narrativas orais na investigação da História Social. In: *Projeto História*. São Paulo. EDUC. n 22 pg 81. jun. 2001

² Neste trabalho não foram realizadas entrevistas com alunos, professores ou colaboradores portadores de deficiência auditiva, pois não possuo contato com a linguagem dos sinais e não conheço ninguém que esteja disponível a fazer essa interlocução, o que tornaria impossível a realização da entrevista.

³ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista concedida em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

que foi um portador de necessidades especiais serão esquecidas, como podemos ver no caso de Alaurinda onde ela informa que após ter feito o transplante e ter recuperado, pediu a um médico para realizar palestra na escola onde trabalha, sobre a importância da visão e prevenção contra acidentes, como exemplo: evitar ler em veículos em movimento, pois pode causar deslocamento de retina: (...) *Cheguei a levar meu oftalmologista para dar uma palestra na escola onde trabalho, para assim conscientizar outras professoras sobre cuidados necessários com a visão*⁴.

A partir desta fala, é possível perceber primeiramente a tentativa de possibilitar informação sobre a deficiência para um grupo de professores, levando assim conscientização e informação a um grupo que em vários momentos lida com crianças portadoras de deficiência no âmbito escolar como também lida com pessoas portadoras de deficiência no trabalho, com a família ou mesmo na sociedade.

Mas, também podemos analisar que o gesto da entrevistada em solicitar uma palestra de um especialista em deficiência visual, e o receio em adquirir novamente a deficiência que comprometesse a visão, tendo em vista que Alaurinda conseguiu o transplante que habilitou novamente sua visão, é uma procura de assegurar o seu estado atual (...) *tenho medo de perder novamente a visão, por algum tipo de descuido meu e depois da palestra do médico na Escola, não leio mais quando estou dentro do ônibus ou em veículos em movimento*.⁵.

O medo e preocupação em relação à deficiência também está presente na entrevista realizada com a aluna Lane Luce⁶: (...) *minhas filhas, eu não sei, eu rezo todas as noites para que não tenham, por enquanto é uma doença que a gente só sabe se tem quando ela*

⁴ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, formou-se pelo curso de Pedagogia na Ufu, entrevista cedida em 04/12/2004 em sua residência. Alaurinda era portadora de ceratocônia, uma disfunção na córnea onde perdeu a visão do olho esquerdo e no olho direito utilizava óculos com grau 20. Mas realizou transplante, onde recuperou a visão.

⁵ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

⁶ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, possui Mal de Stargarde (perda progressiva da visão, chegando à baixa visão com 5% de visão), entrevista concedida em 15/10/2004, na residência da entrevistada em Uberlândia/MG.

*se manifesta, antes disso não tem jeito. Eu rezo todos os dias para que não tenham o problema*⁷ (...), mas desta vez que ela seja adquirida por outros membros da família.

O receio demonstrado pelas entrevistadas em adquirir novamente a deficiência ou que algum membro da família a adquira, demonstra-se primeiramente como um reflexo das dificuldades⁸ enfrentadas pelos portadores. Analisando a fala de Lane Luce⁹ (...) *eu faço as mesmas coisas, não é igual, mas eu sigo a minha vida* (...) percebemos que ocorre não só uma preocupação em que seus familiares adquiriam a deficiência, mas também um preconceito velado, pois apesar da entrevistada afirmar que ela faz as mesmas coisas que uma pessoa não portadora de deficiência visual, no seu discurso demonstra que não aceita sua condição física capaz de nomeá-la “normal” e ainda não se aceita, pois possui receio que as filhas possuam as mesmas condições que ela. (...) *Rezo todos os dias, para minhas filhas não desenvolverem a mesma doença que possuo*.¹⁰

Como um dos primeiros passos para compreensão da construção sobre a percepção do aluno universitário portador de necessidades especiais sobre si mesmo utilizarei análises sobre alguns relatos de portadores que não possuíam a deficiência e a adquiriram, e assim, através de consultas médicas tiveram o primeiro contato com a doença, obtendo explicação sobre quais seriam suas “limitações” a partir dali e assim, suas novas condições de vida.

Utilizarei esse ponto de partida, pois em muitos casos, é o primeiro contato que o indivíduo, tido anteriormente como “normal”, possui com a deficiência, então é o ponto de referência em relação à construção que está começando a ser estabelecida em relação a sua condição física.

Primeiro, é possível verificarmos uma falta de informação em relação ao médico sobre o motivo que derivou a doença, o que muitas vezes leva o próprio portador de deficiência a recorrer a outras fontes, como a pesquisa em livros ou internet para informa-se

⁷ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

⁸ A discussão sobre essas dificuldades no convívio social, familiar e no ambiente de trabalho, serão trabalhadas neste capítulo, em outro momento.

⁹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹⁰ Idem.

com maior clareza a respeito de sua condição (...) *eu pesquisei muito sobre o meu problema, estudei muito genética para ver, para saber o que aconteceu (...)*¹¹

Além deste possível despreparo em relação às informações pertinentes sobre as causas que acarretaram a doença o que obriga, ou poderíamos dizer possibilita - considerando assim a possibilidade do portador de deficiência possuir maior contato por si só com as causas de sua deficiência e assim, buscar respostas a seus questionamentos pessoais, e assim um maior contato com sua deficiência - também podemos testemunhar o despreparo em relação à forma com o médico está formando as primeiras impressões a respeito da deficiência para os seus portadores.

*Eu fui a um especialista aqui em Uberlândia, péssimo porque eu era uma adolescente e ele chegou e falou assim, na cara: olha, você não vai fazer isso e aquilo, e você tem isso. Cega não vai ficar, você vai distinguir luz de escuridão. Desse jeito, agora imagina, na parte da vida que a gente tem mais conflito.*¹²

Podemos ver então, que o contato existente em relação a sua deficiência, é primeiramente tolhedora, enfatizando as suas limitações e desconsiderando a individualidade do portador de deficiência, considerando principalmente, no relato, a entrevistada estava na fase da adolescência, que é considerada uma fase por si só, com vários conflitos em relação a sua condição, saindo de uma condição de criança, adquirindo responsabilidades de adulto, sem ainda não o ser.

Paralelo ao conflito interno perante a doença ainda possui o contato familiar, que pela pesquisa realizada mostrou-me concepções e experiências distintas na vivência familiar, o que distinguirá a formação de imagem, lutas, sonhos e conquistas, atribuídos pelos portadores de deficiência.

Desde os sete meses de idade, a estudante do curso de Direito da Unutri¹³ Luciana Rodrigues¹⁴, é portadora de deficiência e relata que: *minha relação com a minha família é*

¹¹ Idem.

¹² Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹³ Universidade do Triângulo

ótima, sempre fui tratada de igual (...) meu pai e minha mãe, aprenderam a conviver comigo e me tratar igual minhas outras irmãs (...)

Apesar de a entrevistada ter afirmado que em sua relação familiar, era tratada igual, podemos verificar em outros momentos de sua fala que os seus pais tiveram que se adaptar as suas necessidades, através da convivência, para assim, poderem lhe tratar igualmente.

A necessidade de adaptações familiares, através primeiramente, do entendimento da deficiência, mostra-se como um ponto em comum na fala de Luciana, mencionada anteriormente, com o de Lane Luce¹⁵, onde o enfoque à “culpa” recai sobre a família, subjugando como tal condição um problema:

(...) quando minha mãe e meu pai ficaram sabendo e o médico virou e falou que é genético, lá vem à culpa, né.(...)A minha mãe achou que eram os genes dela, que era problema dela. E aquela coisa, se você tem problema e alguém assume a culpa por você, você joga a culpa na pessoa mesmo. Naquela época, nossa relação era muito difícil, gritaria, bater porta, brigava, por que ela aceitava a culpa, como se isso fosse culpa de alguém (...)

Através de uma comparação em relação aos aspectos familiares, no que se diz respeito aos primeiros contatos com a deficiência, podemos perceber uma diferença entre a aceitação, ou seja, quando a família compreende sem culpas é um grande passo para que o que o próprio portador de deficiência compreenda que a deficiência física, não o torna menos capaz que outras pessoas.

Em relação ao primeiro contato da família de Lane Luce com a sua deficiência física, podemos perceber que ocorreu uma discussão sobre a doença que a causou, ao invés de uma tentativa de compreensão sobre quais seriam suas condições a partir daquele momento e as mudanças que seriam necessárias para apoiá-la. Para expressar a falta de apoio familiar no primeiro contato com a deficiência, acabou por haver uma intolerância

¹⁴ Luciana Rodrigues, nascida em 1980, entrevista em Uberlândia/MG, 17 de junho de 2004.

¹⁵ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

sobre o assunto por parte da entrevistada¹⁶, após descobrir sobre a doença que estava lhe causando a perda de visão (...) *eu passei a parte religiosa, entrar em grupo de jovens, bitolada mesmo, por que eu sou católica, eu vou a missa mas, eu reconheço que naquela época eu bitolei. Eu precisava de alguma coisa para me apoiar. O grupo de jovens era minha bengala(...)*

Através desse relato, percebemos o quanto é importante o apoio da família em relação à compreensão e aceitação da nova condição física do portador de deficiência física, pois como disse Lane Luce, ela precisa de um suporte (bengala) para apoiá-la naquele momento, procurou na religião, o apoio que não conseguiu na família.

Mas, sobre a convivência familiar é possível ainda verificar que existem outras realidades familiares que proporcionam uma melhor convivência no primeiro contato com essa questão. Na entrevista fornecida por Cristina, que contraiu poliomielite quando estava com 01 ano, é possível percebemos uma outra reação de sua família (...) *eu sempre tive aceitação e apoio total dos meus familiares, nunca me senti rejeitada. Na minha infância, eu me sentia envergonhada, mas os meus pais sempre me ensinaram que é por eu ser deficiente que eu era diferente*¹⁷.

O que percebemos através da análise do primeiro contato familiar e do portador de deficiência com a sua necessidade especial, é a necessidade de adaptação não só psicológica – através da compreensão e aceitação de sua deficiência – mas também da adaptação física da residência e locais de seu convívio, proporcionando melhores condições ao portador de deficiência.

Desse modo há diferentes vivências e necessidades sobre as adaptações. Podemos perceber que no caso de Alaurinda¹⁸, não foram necessárias adaptações físicas em sua residência (...) *não ocorreu mudança da família ou na estrutura da casa, por minha causa*. O que pode-se entender pelo fato da entrevistada ter apenas perda parcial de visão utilizando óculos com grau número 18, mas o que não a impossibilita totalmente de ver.

¹⁶ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹⁷ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

¹⁸ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

No depoimento de Lane Luce¹⁹, observamos que não existiu a necessidade de adaptações na residência de seus pais, isso talvez ocorreu de uma forma natural por não ser hábito de seus pais mudarem os móveis de lugar *A minha mãe não tem mania de mexer nos móveis, pouco ela muda as coisas de lugares. Eu conheço a casa desde os sete anos, eu sei onde estão as coisas (...).*

Nos deficientes visuais, existe a necessidade de conhecimento sobre onde os móveis estão dispostos nos cômodos, para assim evitar quedas e ferimentos dos portadores de deficiência, e também para proporcionar uma independência a partir do conhecimento sobre a disposição dos objetos, possibilitando-lhes a realização de atividades sozinhos, como se vestir e preparar refeições. Apesar dessa necessidade e após Lane Luce²⁰ ter se casado, ocorreu um período de necessidade para compreensão por parte de seu marido, de suas necessidades.

(...) O grande problema é a família do meu marido, são sete filhos e a minha sogra muda os móveis quase todos os dias, e meu marido também tem essa mania. No começo do nosso casamento tinha muito problema, eu chegava em casa, sala tinha virado cozinha, ele mudava tudo (...) Para mim, é muito difícil, eu preciso saber onde as coisas estão. Agora ele já percebe que não é implicância que eu tenho, eu preciso que as coisas fiquem no lugar.

Quando ele quer mudar alguma coisa, virou a mesa e trocou de lugar, ele fala comigo e pediu minha opinião. Eu tava junto quando mudou e fiquei medindo de novo a sala, andando nela para me encontrar (...).

A necessidade de acessibilidade e independência dentro de sua residência, no locus da cidade, no ambiente de trabalho, ou seja, em todos os lugares onde os deficientes necessitam frequentar é um fator importante para sua autonomia e também para fazer-lhes valer o direito de ir e vir quando desejarem.

¹⁹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

²⁰ Idem.

Analizando o sistema de transporte público, que todas as entrevistadas utilizam, podemos perceber a necessidade específica de cada uma, sendo necessário também considerarmos para essa análise a deficiência que cada uma possui.

No ponto de ônibus, não conseguia distinguir os ônibus e ficava pedindo para as pessoas do lado falarem quando o meu ônibus estava chegando. (...) Após um tempo, o motorista já me conhecia e ele parava o ônibus, mesmo quando eu não dava sinal.²¹

Na entrevista de Alaurinda, percebemos a sua dificuldade em se locomover pela cidade, utilizando o sistema de transporte coletivo, devido a sua baixa visão, não conseguia distinguir o ônibus que necessitaria utilizar, sendo assim, necessitava da ajuda de pessoas para lhe informar qual ônibus estava se aproximando, ou então, de o motorista a conhecer para parar o veículo e ela poder utilizá-lo.

Não desejamos aqui, fazer qualquer repúdio a ajuda de estranhos, porém é necessário fornecer ao portador de necessidades especiais formas que o possibilite utilizar com autonomia e segurança do transporte coletivo, proporcionando a ele independência e não tolhendo ou limitando seu caminhar. Porém a discussão a respeito das políticas de inclusão e experiências vividas pelos portadores de necessidades especiais, serem analisadas no próximo capítulo.

Retomando a construção histórica dos portadores de necessidades especiais, através de práticas sociais, utilizando os diálogos proferidos por eles, abordamos primeiramente os primeiros contatos com a deficiência através de explicações médicas, o convívio familiar com a deficiência e as adaptações necessárias, as experiências vividas pelas portadoras de necessidades especiais em relação a acessibilidade nos lócus da cidade.

Abordaremos as experiências, convívios e percepções dos portadores de necessidades especiais em relação também às instituições que os auxiliam, dentre elas as instituições mencionadas nas falas dos entrevistados foram a APARU²² e a ADEVIUD²³.

²¹ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

²² Aparu – Associação de Paraplégico de Uberlândia.

Em relação aos motivos e necessidades que originaram a procura por parte dos deficientes pelas instituições, mostram-se diversos motivos.

Vou fazer parte agora da APARU agora, pois como eu e meu marido estamos sem carro, vou pedir a carteirinha de passes. Creio que é um grupo bom, eu espero que reinvidiquem os direitos e façam se perceber.(...) Eu já tive vontade de participar desses grupos tipo AACD, vontade de voluntariar. Já tive momento de querer compartilhar. Eu era muito fechada, sofria o preconceito e me calava.

Pensava que se tivesse com um grupo, esse processo seria mais fácil. Mas, me faltava disposição de ir procurar, medo e receio, procurar saber a realidade.²⁴

Nesta fala de Cristina percebemos que apesar de conviver com a deficiência há 40 anos, o que a fez procurar a instituição APARU neste momento foi a necessidade do transporte público gratuito aos portadores de necessidades especiais. Este é um dos principais motivos que leva os portadores de deficiência visual e motora a procurarem as instituições. Mas possui outros motivos como:

Na nossa instituição, possuímos em torno de quatrocentos deficientes afiliados, oferecemos aulas de braille, orientação de mobilidade, apoio psicológico e também fazemos distribuição de verduras e auxílio médico.²⁵

Além desse auxílios há também momentos de convivência e lazer entre os associados da instituição, através de atividades recreativas, na quadra de esporte da instituição que está sempre a disposição dos associados, conforme mencionado por Dona Neusa.

²³ ADEVIUD- Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia, fundada em 1972, situada na Avenida Segismundo Pereira, número 1355. Uberlândia/MG.

²⁴ Cristina Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG .

²⁵ Neusa de Fátima, diretora presidente da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/05, no endereço da instituição em Uberlândia/MG.

Apesar das instituições terem um discurso definido (...) *buscamos através do esporte, mostrar ao portador de deficiência, que para ele não existem barreiras que não possam ser transportas (...)*²⁶, a entrevistada Cristina demonstra receio em sua fala, em procurar a instituição, demonstrado através do seguinte trecho: (...) *Pensava que se tivesse com um grupo, esse processo seria mais fácil. Mas, me faltava disposição de ir procurar, medo e receio, procurar saber a realidade (...)*. Podemos analisar que a atitude da entrevistada seria primeiramente a de não aceitação sobre sua própria condição e medo de conhecer a realidade de outros portadores de necessidades especiais, receiando que assim, os problemas por eles relatados também lhe acontecessem.

Mas por meio da convivência com outros portadores, o que é comum nas instituições, percebe-se que a maior dificuldade do portador de necessidades especiais está em aceitar a si mesmo, pois nas instituições (...) *existem muitas diferenças entre os portadores de deficiência em relação as dificuldades que cada um possui, problemas de locomoção ou até mesmo, falta de condições para arrumar trabalho(...)*.²⁷

O que havia motivado Cristina a procurar a instituições em períodos anteriores foi a necessidade de compartilhar suas experiências o que também motivou Lane Luce²⁸ a procurar a ADEVIUD: *Eu faço parte da ADEVIUD²⁹ que é ali na Segismundo, o grande auxílio deles, é que eu tenho contato com outras pessoas que tem os mesmos problemas e às vezes até mais difíceis.(...) instituição possui liga esportista, mas o que mais me auxilia é o contato com outras pessoas, a gente pode conversar, todo mundo tem problema.*

A motivação de Lane Luce a procurar a instituição foi partilhar suas experiências, dificuldades e vivências com os outros portadores onde percebeu que outras pessoas possuem as mesmas inquietações ou até dificuldades mais graves.

²⁶ Rodrigo Santos Souza, aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, professor de esportes da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/2005, na instituição. Uberlândia/MG

²⁷ Rodrigo Santos Souza, aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, professor de esportes da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/2005, na instituição. Uberlândia/MG
Idem.

²⁸ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

²⁹ ADEVIUD- Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia, fundada em 1972, situada na Avenida Segismundo Pereira, número 1355. Uberlândia/MG.

Com essa convivência, os portadores não se sentem mais sozinhos e percebem que fazem parte de um grupo que possui a mesma linguagem, mesmas dificuldades e experiências, sendo assim, a compartilhar torna-se mais fácil e também a procura por melhorias e também construção de sua imagem enquanto portador de necessidades especiais, compreendendo seu papel enquanto agente histórico na sociedade e também seus direitos enquanto tal, como afirmado no seguinte trecho: (...) *o grande auxílio deles, é que eu tenho contato com outras pessoas que tem os mesmos problemas* (...).

O convívio social, através de práticas de esporte e dança, é outro objetivo da APARU

(...) Alguns deficientes chegam na nossa instituição sem conhecimento ou noção do seu corpo, utilizamos alguns exercícios como subir em árvores, jogar. O objetivo dessas práticas é para que o nosso aluno tenha um maior contato com o corpo e percebendo suas capacidades e também limites. Estamos utilizando agora a musculação, através do convênio com a EDUCA, para que os nossos alunos desenvolvam seus músculos e claro a auto estima, ficando mais fortes (risos).³⁰

As práticas esportivas além de proporcionarem um conhecimento do corpo e do espaço físico, auxilia o convívio social através de jogos coletivos como basquete.

Mas percebemos que esses convívios, também proporcionam outros conhecimentos:

*Uma vez nós fomos num clube e fomos brincar de totó e tem um senhor lá que perdeu a visão de uma vez (...) E a gente estava brincando, jogando e ele falou: 'que coisa ruim, eu sou o único aqui que não enxerga' e a professora respondeu que ali só ela e o professor de esportes enxergava o senhor perguntou novamente como as pessoas estavam jogando e ela respondeu: 'jogando, por que não enxergam que não podem fazer as coisas' (...)*³¹

³⁰ Rodrigo Santos Souza, aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, professor de esportes da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/2005, na instituição. Uberlândia/MG.

³¹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

Nessa fala, percebemos que através de uma recreação, a nossa entrevistada acabou percebendo-se no papel de um senhor de 50 anos que estava se adaptando com a sua deficiência visual, proporcionando a ela uma reanálise de sua postura em relação a percepção com outros portadores. Esta reanálise de postura é feita não através de um julgamento das atitudes de uma pessoa sobre sua própria deficiência, mas compreender que para ele está sendo uma adaptação difícil em relação a sua condição física, assim como foi para ela.

Outro aspecto importante nas instituições de apoio ao portador de necessidades especiais é também outros apoios oferecidos aos seus associados, como forma de reabilitação física e inclusão na sociedade, utilizando como exemplo a APARU: convênio odontológico, médico, fisioterápico, psicológico. Sendo aspectos importantes para acompanhamento *Na nossa instituição, possuímos em torno de quatrocentos deficientes afiliados, oferecemos aulas de braille, orientação de mobilidade, apoio psicológico e também fazemos distribuição de verduras e auxílio médico.*³²

Há momentos diferentes para a procura das instituições *Fiz parte do MG Transplante, ajuda na sensibilização e divulgação da importância de doações. (...) Antes de participar da instituição e precisa de transplante, eu ia aos hospitais e pedia córnea, ia a funerárias e UTI's de hospitais, tentando sensibilizar a família do doente terminal sobre a doação, mas eles não se sensibilizavam (...)*³³

O momento de procura a instituição por Alaurinda, foi após tentar por si só após precisar do transplante de córnea e tentar fazer a sensibilização de possíveis doadores sem sucesso.

Procurou a associação MG Transplante e obteve informações sobre a forma da fila de espera do transplante de córnea e pode participar da sensibilização sobre o transplante de umas outras, que foi a participação em comerciais ressaltando a importância das doações.

³² Neusa de Fátima, diretora presidente da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/05, no endereço da instituição em Uberlândia/MG.

³³ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

Após desvelarmos através de entrevistas a cerca das experiências dos alunos universitários ou que já concluíram a graduação, buscando relacionar as falas, as práticas sociais e o cotidiano em que estão inseridas além da convivência familiar, percebendo a própria reflexão dos entrevistados sobre suas trajetórias.

CAPÍTULO 2- VIVÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR

Discutiremos como as concepções construídas através das experiências enquanto aluno do curso de graduação e as vivências individuais através das relações familiares, sociais e nas instituições de apoio ao portador de necessidades especiais, formam e compõem os sonhos e conquistas de cada portador.

Ao iniciarmos a reflexão, delimitaremos os seguintes pontos para fomentarmos a discussão: compreensão das barreiras arquitetônicas existentes nos centros de ensino superior federal e particular¹ e relações sociais estabelecidas entre docente-discente.

Para a discussão das condições de acessibilidade oferecida pelos centros de ensino superior, faz-se necessário à compreensão a cerca de acessibilidade.

*acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.*²

Podemos assim, compreender por acessibilidade no locus do centro de ensino superior, as condições oferecidas aos portadores de necessidades especiais para que freqüentem os centros de ensino superior e relacionem-se com a comunidade acadêmica.³

A respeito da acessibilidade física, analisaremos a forma como a Universidade Federal de Uberlândia está preparada arquitetonicamente para receber os egressos portadores de necessidades especiais.

Primeiramente, iremos analisar o primeiro contato do aluno com a instituição, através do vestibular e como a partir de então, como centro de ensino passou a reconhecer o aluno como portador de necessidades especiais.

1 A respeito deste tópico, analisaremos também as barreiras arquitetônicas existentes ambientes de trabalho e convivência dos alunos.

² Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 10.908 de 23 de março de 1994. Capítulo I, Artigo 2º, parágrafo 1.

³ Autor David Rodrigues, artigo divulgado na edição 2004, número 23, através do site www.ufsm.br. Pesquisa realizada através do site www.altavista.com.br, em 07/03/2005.

(...)no vestibular, eu não conseguia fechar o gabarito porque laranja no branco eu não vejo (...) uma pessoa preencheu o gabarito, depois que eu fiz a prova, mas na prova de redação, pela linha ser preta e eu não enxergar, outra pessoa teve que passar a limpo e como ficaram passando cinco linhas do texto original, eu comecei a chorar, com medo da redação não caber.(...)⁴

Podemos observar através desse relato, a falta de adaptabilidade do material utilizado, para ser manuseado pelo portador de deficiência visual, mas também que a pessoa designada a auxiliar a aluna, não foi apresentada já no começo da realização das provas, oferecendo assim, maior tranquilidade e conforto, pois a portadora saberia que alguém a auxiliaria.

Através da constatação por parte do portador de necessidades especiais, que a instituição está preparada para que ele realize suas provas de avaliação de uma forma tranqüila e de acordo com suas necessidades, através de material preparado e profissionais treinados, é possível evitar situações como a da entrevistada, que por possuir baixa visão, não conseguia acompanhar se seu auxiliar havia transcrito, causando-lhe preocupação e nervosismo.

Porém percebemos também momentos diferentes a respeito da realização das provas de ingresso a Universidade Federal de Uberlândia, como demonstrado por Luciana:

(...) na minha inscrição para o vestibular da Universidade Federal de Uberlândia, inclui a mensagem que sou portador de deficiência, então quando cheguei para fazer prova, estava tudo pronto. Tinha mesa especial, rampa, sala adaptada. Eu fui bem atendida.⁵

⁴ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, portadora de baixa visão. Entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

⁵ Luciana Rodrigues, nascida em 1980, entrevista em Uberlândia/MG, 17 de junho de 2004.

Como havíamos discutido no capítulo anterior, cada portador de necessidades especiais, possui uma necessidade específica, analisando como exemplo, a acessibilidade oferecida pela Universidade Federal de Uberlândia para que esse indivíduo realize provas de vestibular, percebemos duas experiências diferentes de portadores de necessidades especiais, sendo que um portador de baixa visão e outro, utilitário de cadeira de rodas.

O portador de necessidades especiais com baixa visão, necessitava de material adaptado, através de cores diferentes no gabarito da prova e na folha de redação ou traduzido para o braile, ou então, de uma pessoa a sua disposição, desde o começo da realização da avaliação, para transcrever suas respostas, oferecendo assim tranquilidade e segurança.

O portador de necessidades especiais utilitário de cadeira de rodas, necessitava de uma cadeira adaptada para escrever, rampas de acesso a sala do exame e também dentro do Campus, para que assim fosse possível sua locomoção, segundo o relato da entrevistada, a Universidade estava adaptada nestes quesitos.

Podemos elencar a essas afirmações, uma outra discussão, pois a mesma entrevistada que anteriormente informou que a Universidade Federal de Uberlândia atendeu de acordo com suas necessidades, após ser questionada sobre a acessibilidade dentro do campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, respondeu: (...) *só o bloco do Direito é adaptado, se o deficiente quiser fazer outro curso, vai ser muito difícil.*⁶

É possível percebermos que havia sido estabelecida uma imagem de acessibilidade através do conhecimento apenas de uma parte do lócus da instituição de ensino, e após o contato do campus como um todo e não só por um bloco, a entrevistada estabeleceu uma outra percepção sobre a instituição e a falta de acessibilidade presente na Universidade Federal de Uberlândia.

Através dos relatos, podemos perceber que apesar de possuímos leis que regulamentam a acessibilidade dos portadores de deficiência, na prática a realidade é diferente da proposta.

⁶ Luciana Rodrigues, nascida em 1980, entrevista em Uberlândia/MG, 17 de junho de 2004.

Mencionaremos aqui um artigo para que possamos confrontá-lo com outros depoimentos a respeito das percepções sobre as barreiras arquitetônicas nos centros de ensino superior.

*Artigo 1º Esta lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifício e nos meios de transporte e de comunicação.*⁷

Através dos relatos percebemos que várias são as barreiras arquitetônicas existentes no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia: *faltam corrimões em todas as escadas*⁸; *os degraus da escada do bloco J são curtos, altos e sem corrimão o que é o contrário de que precisamos, que são degraus rasos e longos*⁹; *declive nos passeios, o que dificulta a mobilidade do portador de deficiência visual e utilitário de cadeira de rodas*¹⁰.

Mas, o alerta sobre a falta de acessibilidade na instituição de ensino superior federal não é apenas mencionada por alunos portadores de necessidades especiais, mas também por um docente que possuiu como seus alunos portadores, disse: *os blocos mais antigos da Universidade Federal de Uberlândia não possuem rampas ou elevadores para o acesso dos alunos portadores de deficiência ao segundo pavimento ou de sanitários adaptados a eles.*¹¹

⁷ Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 10.908 de 23 de março de 1994. Capítulo I, Artigo 1º, parágrafo I.

⁸ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

⁹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹⁰ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

¹¹ Sertório, professor de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, ministra aula no curso de História. Entrevista concedida em 17/12/2004.

Para elucidar as falas acima, utilizaremos como recurso, fotografias do campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, sendo assim, possível percebemos que existem barreiras físicas que impossibilitam e dificultam a acessibilidade de uma forma segura e independente dos portadores de necessidades especiais, por dentro do campus.

Na imagem abaixo, podemos perceber no pátio de acesso do Bloco J – uma via de acesso importante, pois está localizado no intermédio das entradas da Universidade Federal de Uberlândia, pelas entradas da Avenida João Naves e Rua Segismundo Pereira – visualizamos o chão contendo vários buracos que dificultam um transeunte portador de necessidades especiais utilizá-lo como caminho.

Os declives no passeio abaixo, tornam-se uma barreira para acesso por este meio, tanto do portador utilitário de cadeira rodas, quando do portador de deficiência visual, devido à utilização de bengala para se locomover.



Foto 1: imagem do pátio de acesso do Bloco J, Universidade Federal de Uberlândia/Janeiro 2005.
Acervo da autora.

De acordo com os depoimentos dos alunos portadores de deficiência visual, outro elemento que dificulta a acessibilidade no campus Santa Mônica, é a falta de corrimãos em escadas, que impossibilita ou dificulta o acesso desses indivíduos em alguns ambientes.

Na imagem abaixo, vemos a ilustração da fala de Lane Luce¹² mostrada anteriormente, afirmando que a escada de acesso ao bloco J não possui corrimão e os degraus são inapropriados para o portador de deficiência visual, pois são altos e curtos.



Foto 2: escada de acesso ao Bloco J, no campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia/Janeiro 2005. Acervo da Autora.

Ao confrontarmos as condições de acessibilidade constantes no ambiente de trabalho, relatados pelos entrevistados, com as condições existentes no centro de ensino superior, verificamos que em ambos ambientes, existem barreiras e condições a serem alteradas.

(...) a escola que eu trabalho – Escola Municipal Professor Ladário Teixeira – precisa ter adaptações nos banheiros e existem muitas escadas e poucas rampas¹³.

Isso se torna perceptível analisando a imagem abaixo, de um banheiro masculino, localizado no bloco G, do campus Santa Mônica, onde não possui adaptação para receber portador de necessidades especiais utilitário de cadeira de rodas. Sendo que o recinto

¹² Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹³ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

possui porta estreita tanto na entrada, quando no acesso ao sanitário, impossibilitando tanto a entrada de uma cadeira de rodas quanto o acesso da mesma ao sanitário.



Foto 3: Imagem do sanitário masculino, localizado no Bloco G, campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia/Janeiro 2005. Acervo da autora.

A entrevista de Cristina também nos propicia outros questionamentos, pois a entrevistada está fazendo suas observações sobre um ambiente de escola municipal, que recebe vários alunos, inclusive portadores de necessidades especiais. Sendo assim, as mesmas dificuldades de acesso encontradas por ela, são vivenciadas pelos possíveis alunos da mesma instituição.

Enquanto alguns portadores relataram suas percepções acerca da acessibilidade em seus ambientes de trabalho, outros entrevistados não possuem nenhum comentário ou observação a respeito. Podemos questionar se o ambiente de seu trabalho está adaptado e isso lhe parece algo normal, não sendo necessário comentar ou se o ambiente não é adaptado e como é o convívio no mesmo, pois já lhe parece algo familiar e rotineiro.

Analisamos até o momento, as barreiras arquitetônicas existentes nos centros de ensino superior, no trabalho, sendo também necessário confrontarmos esses dados com a acessibilidade existente nos ambientes da cidade.

*(...) se eu preciso atravessar a João Naves, eu pego um ônibus até a Ufu (Universidade Federal de Uberlândia), lá eu atravesso no sinaleiro e pego outro ônibus para voltar. Eu perco muito tempo, mas não corro risco de ser atropelada (...)*¹⁴

É possível percebermos que ao invés da cidade ter que se adaptar ao portador de necessidades especiais, oferecendo acessibilidade, segurança, conforto e independência para a sua locomoção, o portador é que acaba por se adaptar a condições existentes. Para que a pessoa consiga atravessar com segurança uma rua com grande fluxo de automóveis, precisa por exemplo se deslocar por quase 1 km, utilizando o transporte coletivo.

Mas, os obstáculos existem não apenas nos setores de circulação da cidade, como ruas e avenidas, mas também dentro de prédios públicos: *(...) como eu não diferenciava portas de vidros, mesmo com a faixa, pois brilhavam, eu vivia me machucando.*¹⁵

Analisando os relatos, o que percebemos é a sobreposição de obstáculos - falta de rampas, banheiros não adaptados, portas de vidro, ruas perigosas para se atravessar - onde, nos parece que o portador de necessidades especiais está sendo isolado do convívio público, pois em alguns relatos, as pessoas mostram medo em sair de casa. E além do isolamento, percebemos também uma desconsideração por parte do Poder Público com relação à existência desses cidadãos, que necessitam de necessidades especiais, não cumprindo com o dever público de assegurar a sua acessibilidade a ambientes públicos.

Faz-se necessário também questionar outra barreira existente para os alunos portadores de necessidades especiais dentro dos centros de ensino superior: a barreira social, através do convívio com os docentes e colegas de sala de aula e as barreiras metodológicas, analisando se a metodologia e materiais são adaptados às suas necessidades.

¹⁴ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹⁵ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

*(...)alguns colegas e professores não acreditavam que eu tinha a doença, eu me sentia mentirosa (...) se eu tirava notas boas, as colegas não acreditavam que eu tinha feito as provas. Porém quando eu comecei a aparecer na televisão divulgado o transplante de córnea, as pessoas começaram a acreditar.*¹⁶

É possível verificarmos que em alguns momentos a convivência do aluno portador de necessidades especiais e seus colegas de sala ou docentes, é mantida de forma conflituosa. Primeiramente existe o descrédito na afirmação do aluno que o mesmo possui deficiência – como se já não bastasse todos os obstáculos que possui, precisa se justificar- causando-lhe vergonha de sua própria condição e também descrédito em suas habilidades intelectuais, como se ele não fosse capaz de possuir bom aproveitamento em determinada disciplina.

Podemos analisar o alto desempenho de alguns¹⁷ portadores de necessidades especiais, através de um outro enfoque: *(...) as alunas revelaram-se mais compenetradas e atentas, sobretudo em função de um certo isolamento com relação aquelas conversas entre colegas*¹⁸ (...)

Utilizando a fala do professor, validamos as afirmações a respeito das dificuldades encontradas pela entrevistada Alaurinda¹⁹, onde ela sentia-se mentirosa por não acreditarem nos seus resultados apesar da sua condição, percebemos que existe um isolamento por parte dos alunos aos portadores de necessidades especiais.

O isolamento não é realizado apenas em sala de aula, mas também em atividades sociais fora deste âmbito: *(...) eu descobri um grupinho no curso, que sai para jogar sinuca e eles nunca me chamaram, eu achava que era porque eu sou casada. Então eu*

¹⁶ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

¹⁷ Menciono alguns, pois não possuo estatística a respeito do desempenho escolar dos alunos portadores de deficiência no ensino superior.

¹⁸ Sertório, professor de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, ministra aula no curso de História. Entrevista concedida em 17/12/2004.

¹⁹ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

*sempre ouço eles combinarem que vão jogar, mas nunca me chamaram. Mas, tudo bem eles não são meus amigos.*²⁰

Apesar de percebemos que realmente existe o isolamento causado pelos alunos com seus colegas portadores de necessidades especiais, devemos nos questionar esses próprios portadores não se isolam do restante da sala, em pequenos grupos. Faço este questionamento, devido à afirmação da entrevista anterior, pois ela não foi convidada a participar de um evento, mas não perguntou ao grupo a causa e justificou para si mesma e para a entrevistadora que as pessoas não eram suas amigas, então o fato não a magoou.

Em contrapartida, também possuímos exemplos de bons relacionamentos dentro da sala de aula: (...) *posso amigos no curso sempre me chamam para sair, sempre frequentamos bares ou shows juntos* (...) ²¹.

O exemplo nos mostra que a entrevistada considera seu círculo de amizades importante pois ter uma vida social saudável, ou seja, participar de eventos culturais e possuir contato com pessoas de círculos de amizade distintos é importante para o desenvolvimento intelectual do indivíduo e também pessoal, pois através da interação de óticas e observações de indivíduos distintos, o ser humano enriquece os seus conhecimentos.

A mesma entrevistada também relata que o enriquecimento de seus estudos através de seus amigos também é feito de uma outra forma: (...) *eu tenho uma amiga que copia toda matéria para mim do quadro, no começo da aula eu já entrego o caderno para ela e ela copia duas vezes toda a matéria*²² (...).

Percebemos a aproximação entre os colegas, o que acarreta o sentimento de auxílio ao próximo, talvez não por ele ser portador de necessidades especiais, mas por vontade de auxiliar de alguma forma alguém que está precisando.

Utilizando o mesmo relato, podemos elencar o depoimento a uma outra questão: as barreiras metodológicas existentes dentro dos centros de ensino superior, através de

²⁰ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

²¹ Idem.

²² Idem.

metodologias, materiais didáticos, corpo docente e coordenações de cursos não preparadas para receber o aluno portador de necessidades especiais.

Levanto essa questão, primeiramente com base no depoimento acima, pois os professores cientes das necessidades de um aluno portador de baixa visão, não utilizariam o quadro para explicar suas disciplinas, evitando que assim a aluna dependesse do auxílio de uma colega para copiar a matéria.

Em relação às necessidades dos portadores de necessidades especiais, é de nosso conhecimento que na ficha de inscrição da matrícula, o aluno preenche informações a respeito se é portador de deficiência e caso positivo, quais são suas necessidades. Mas, apesar dos alunos fazerem reivindicações nas fichas de inscrição e também à coordenação dos cursos, as mudanças não são muitas.

Primeiramente, para um aluno portador de deficiência visual ou baixa visão, a utilização do quadro negro para escrita sobre explicações da disciplina é nula, pois primeiramente o aluno portador de baixa visão não enxerga no quadro que possui brilho e o aluno que não possui visão não conseguirá também enxergar o que está sendo escrito.

Assim sendo, para que a situação acima fosse revertida e o aluno portador de deficiência visual possuísse os recursos necessários para acompanhar normalmente as aulas, a mudança por parte do docente é bem simples: *pedia as professores que utilizassem menos o recurso de escrever no quadro e falassem mais*²³; *eu digo que não enxergo e peço, enquanto vai escrevendo vai falando e eu vou copiando, como um ditado*.²⁴

Verificamos outras mudanças em relação ao material didático: *não utilizar transparências (...) fazer provas com letras maiores*²⁵; *disponibilizar provas e textos com letras maiores*.²⁶

²³ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

²⁴ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

²⁵ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

²⁶ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

Em relação ao não atendimento da reivindicação dos alunos portadores de necessidades especiais por parte dos docentes, pode ser compreendida de duas formas: falta de capacitação do corpo docente e coordenações de curso e negação da presença destes alunos por parte da instituição de ensino.

A falta de capacitação dá-se por não saber como lidar com um aluno em sala de aula que seja portador de necessidades especiais. Podemos entender como não saber lidar, como não conhecer as necessidades desses indivíduos, adaptar as aulas compreendendo a presença dos mesmos, através de metodologias e material adaptado.

*(...) atribuo a dificuldade de acompanhamento dos alunos portadores de deficiência nas aulas, em função à falta de informação dos professores quanto às reais necessidades do aluno e a falta de orientação especializada, pois na verdade não há orientação.*²⁷

Apesar do professor em questão afirmar que realmente existem dificuldades em relação à falta de informação por parte da instituição de ensino em o capacitar para oferecer aula aos portadores de necessidades especiais, o mesmo afirma que não mudou o plano de aula, apenas os sistemas avaliativos aos alunos.

Não é possível o corpo docente esperar que as mudanças sejam feitas apenas através da coordenação, oferecendo cursos ou preparação, mas também através de cada professor, conversando com os alunos, mostrando-se interessado em suas necessidades e buscando canais para que possa atingi-las, ou quando não é possível, aproximar-se ao máximo das mesmas.

Mas a realidade é diferente, pois somos testemunhas de relatos como o seguinte:

(...) quando os professores marcam prova, eu aviso: tem que ser letra grande senão eu não enxergo.

²⁷ Sertório, professor de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, ministra aula no curso de História. Entrevista concedida em 17/12/2004.

17.04.2008

No primeiro semestre eu estava com a minha filha amamentando, ela tinha acabado de nascer e eu voltei para fazer as provas e a professora não deu a prova, me entregou o disquete e falou: vai tirar xerox ampliada. Tive que deixar minha filha de colo com uma colega, que também perdeu tempo. (...) eu tive que ir em outro bloco pedir para ampliar e imprimir a prova em letra grande. É muito constrangedor, você está com o disquete da prova, ela podia ter pedido para alguém da coordenação fazer isso.²⁸

Dentre as discriminações, sejam na impossibilidade de fornecer acesso a informações, quanto à desconsideração da existência do aluno portador de necessidades especiais, para mim a pior discriminação é a velada, através de alguns gestos ou comentários.

(...) já aconteceu de ter professor falar: olha aquela aluna, a redação dela é terrível, eu não consigo entender o que ela escreve (...) eu fiquei muito chateada quando um colega meu disse que o professor comentou isso, porque ele podia ter falado comigo (...)²⁹

Podemos analisar a falha no comportamento do docente através deste relato, pois antes de fazer o julgamento à cerca da caligrafia da aluna, o professor deveria refletir que a mesma possui 5% de visão em ambos os olhos, e sendo assim, apesar de se esforçar em escrever não consegue ler o que está escrito.

Através da análise a cerca da acessibilidade física e intelectual presentes nos centros de ensino superior, nos ambientes da cidade e no trabalho dos entrevistados, foi possível perceber que apesar de existirem leis que regulamentam o acesso de forma segura e independente, em vários momentos, o portador de deficiência precisa lutar por adaptações, fazendo muitas vezes, papel do Poder Público.

²⁸ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

²⁹ Idem.

Podemos ainda utilizar a seguinte afirmação: (...) *quando entrei na faculdade, eu reclamei com a coordenadora do curso que o número da porta da sala de aula é alto, eu não enxergo, mas como a é coordenadora nova, ela não podia fazer nada (...)*³⁰

Na foto abaixo, mostramos como o número das salas está disposto, passados 02 anos, sendo que a numeração da sala continua a ser localizada bem acima da linha dos olhos. E pela “não vivência” do problema, muitas vezes ele é pormenorizado ou ignorado.



Foto 4: Imagem da porta de uma sala do Bloco do curso de Letras, campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia.

Tentar entender a diversidade de modos de viver e ter acesso à cidade, ao trabalho, à educação, dentre outros, me faz perceber o quanto é difícil partilhar o pertencer ao meio social.

³⁰ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

CAPÍTULO 3 – CONQUISTAS E REALIZAÇÕES

Neste capítulo, discutiremos como as vivências durante o período de graduação, propiciaram uma contribuição para os alunos portadores necessidades especiais. Contribuição no que concerne a uma melhor vivência social e propiciaram ferramentas¹ para a reflexão sobre seu papel social enquanto portador necessidades especiais, compreendendo a realidade que está inserido.

Ao iniciarmos nossa discussão, faz-se necessário discutirmos através das entrevistas concedidas, os sonhos e realizações alcançados pelos estudantes do ensino superior portadores de necessidades especiais. Discutindo esses aspectos nos relatos, é possível compreendermos as práticas sociais através das conquistas, dificuldades ultrapassadas e sonhos, ou seja, o desejo de algo para o futuro que no presente não é possível.

Ao contrapormos os relatos acerca das realizações alcançadas pelas entrevistas, percebemos que existe um elemento em comum: ingressar no ensino superior e finalizar a graduação. *Estou me formando agora²; eu já tive muitos sonhos se realizaram, um foi ter me formado³; o mestrado foi uma vitória, pois muitos não conseguem⁴.*

Resgatando então as discussões anteriores acerca das condições físicas e pedagógicas oferecidas aos alunos portadores de necessidades especiais na Universidade Federal de Uberlândia, compreendemos que ultrapassar as barreiras, tanto arquitetônicas quanto sociais, realmente mostra-se uma vitória a ser alcançada por esses egressos.

Mas as barreiras não são apenas essas, pois conciliar trabalho (muitas vezes em período integral) e a graduação, é outra adaptação necessária aos estudantes do curso superior, considerando não apenas os alunos portadores de deficiência.

¹ Entende-se por ferramentas, as vivências com o corpo docente e discente, que em alguns momentos mostram dificuldades e em outros, percebemos a disponibilidade. Esses momentos são estabelecidos através das relações sociais.

² Luciana Rodrigues, nascida em 1980, entrevista em Uberlândia/MG, 17 de junho de 2004.

³ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

⁴ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

Outra vitória demonstrada através das entrevistas, é a de conseguir colocar-se no mercado de trabalho: *trabalhar e conseguir um emprego, foram outras realizações*⁵.

Nesta entrevista, podemos perceber como é difícil para o portador de necessidades especiais ser inserido no mercado de trabalho, *é uma das maiores dificuldades relatadas pelo associados à ADEVIUD.*⁶

O interessante de falarmos a respeito das realizações, é o fato de que das cinco entrevistadas, quatro serem professoras. Digo interessante, pois após termos analisado as barreiras ultrapassadas por essas alunas – muitos deles em sala de aula, no papel de alunos - percebemos que a profissão escolhida por elas, foi a de ser o facilitador da descoberta do conhecimento, ou seja, professor.

Ao discutirmos o relato abaixo, sobre a experiência vivida pela entrevistada no período que cursava o ensino primário, é interessante discutirmos sobre algum dos motivos que pode tê-la motivado a escolher a profissão de professora.

*(...) quando eu estava cursando a primeira série do ensino primário, eu sempre usava gesso ou muletas por causa das cirurgias em minha perna, então quando a professora de educação física foi nos chamar para a aula, eu disse que eu não podia participar, por que não daria conta dos exercícios. Sei que eu tinha e ainda tenho dificuldades para descer escadas e para ir a quadra, eu teria que descer muitas escadas, mas bastava ela me dar uma bola para brincar. Lembro de nesse dia, chorar (relata emocionada e com lágrima nos olhos) e ver meus colegas brincando, sem poder fazer nada. Se eu visse isso acontecer na escola que eu trabalho, pediria que a professora oferecesse alguma outra atividade a criança e não a separasse da classe de aula*⁷.

Podemos questionar como uma das possibilidades para essa escolha profissional a uma tentativa de aplacar a experiência de preconceito e segregação dentro da sala de aula -

⁵ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

⁶ Neusa Souza, diretora presidente da ADEVIUD, entrevista em Uberlândia/MG, 19 de janeiro de 2005.

⁷ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

impossibilitando a entrevistada a participar de uma aula de educação física e afirmando que ela não daria conta das atividades – e impedir que de alguma forma que outras crianças portadoras de deficiência, passem pela mesma experiência ou mesmo que tenham como educador alguém que conhece a sua realidade.

Um aspecto importante a ser analisado sobre sonhos - aspirações para o futuro - é a adaptabilidade realizada, devido a alguns serem pertencentes a uma condição anterior desses sujeitos possuírem a deficiência. Assim sendo, os sonhos mostram-se então, inalcançáveis ou reelaboráveis, considerando a nova realidade.

(...) antes de descobrir o meu problema, eu tinha três sonhos: dirigir, ser médica e ter filhos (...) o sonho de ser mãe eu consegui realizar, eu tenho duas meninas. Os outros, eu fui adaptando. Dirigir eu não posso, brinco então no carrinho de trombada no parque (risos). E a medicina eu mudei, eu optei por artes cênicas, que foi a minha primeira graduação⁸.(...)

A entrevistada adaptou alguns sonhos a sua nova realidade, alcançou outros e infelizmente, desistiu de outro. Mas ela não se mostra ressentida por esse fato, pois de sua nova opção: *fez do que era o sonho, uma profissão⁹.*

A vitória ou realização de se curar da doença que impossibilitava a perda de visão, também é outro aspecto constante enquanto conquista: *O prazer que senti ao enxergar de novo após o transplante, foi como nascer de novo¹⁰.*

O discurso acima, demonstra que a conquista do transplante, simbolizou o nascer de novo, ou seja, o redescobrimento do mundo através da visão e a possibilidade de um recomeço. Mas também, sucinta reflexão se a entrevistada sugere que o período onde possui baixa visão foi de “morte” – através dos preconceitos e barreiras – sendo necessário o transplante de córnea para que possuísse novamente vida, através da visão e para aqueles

⁸ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

⁹ Idem.

¹⁰ Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência, Uberlândia/MG.

que não conseguem o transplante? Será que a esperança de deixar a deficiência é o único caminho?

Além das conquistas profissionais que a graduação possibilitou às entrevistadas, as vivências nesses centros de ensino também propiciaram outros conhecimentos.

Sem ele (curso de cênicas), eu não seria a pessoa que eu sou hoje. Foi por ele que eu consegui enfrentar o meu problema (...).

Foi uma escola para a vida mesmo, eu aprendi a me conhecer, conhecer o meu corpo, as minhas possibilidades (...) conseguir falar sobre isso, antes eu não conseguia falar, era só falar e começar a chorar.¹¹

Podemos observar que apesar das barreiras arquitetônicas e sociais presentes no centro de ensino superior, a entrevistada conseguiu, através de sua experiência como estudante do curso de Cênicas – através de dinâmicas corporais e teatrais, vivências com colegas e professores - conhecer a si mesma, enquanto portadora de necessidades especiais, também conseguindo expressar seus sentimentos sobre sua condição.

É possível refletirmos que o amadurecimento intelectual e pessoal não é adquirido e vivido apenas por meio de momentos prazerosos no centro de ensino superior, - convivências com pessoas que temos afinidades, ou então ser aprovado no vestibular ou finalizar a graduação - mas as dificuldades vividas também são uma forma de aprendizagem e supera-las é uma vitória cotidiana.

Ao longo dos capítulos neste trabalho, trilhamos uma discussão sobre as vivências sociais dos alunos portadores de necessidades especiais do ensino superior em vários âmbitos – vida social, trabalho, centros de apoio, vida familiar, etc. – e é possível compreender que o amadurecimento e conhecimento propiciados nestes locais e também os momentos vividos no centro de ensino superior, possibilitam o pensar do aluno portador de necessidades especiais acerca de sua relação com os docentes e consigo mesmo.

¹¹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

*Sei muita coisa sobre deficiência na teoria e pouco na prática. Mas, não sei trabalhar com criança portadora de deficiência(...)*¹².

*Eu tenho dificuldade em trabalhar com crianças cegas, pois não tenho capacitação(...)*¹³.

*Eu sou deficiente visual, sou professora e tenho uma aluna que é deficiente mental, nós duas não nos entendemos (...) Eu não sei como lidar com ela (...) Os professores tem esse problema também*¹⁴.

Nos três depoimentos percebemos que apesar de em trechos anteriores termos identificado como uma barreira na Universidade Federal de Uberlândia que o corpo docente não estivesse preparado para receber o aluno portador de necessidades especiais, existe a reflexão se o próprio aluno, em seus momentos de docência estaria apto a lidar com um aluno possuidor de suas condições.

É possível percebemos que teoria é um fator necessário, através de cursos de capacitação e orientação ao corpo docente e coordenação dos Cursos, para que a Universidade realmente pratique a inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais em seu quadro de discentes, oferecendo-lhes acesso igualitário as informações, conhecimentos que o restante dos alunos possuem.

A respeito da inclusão nos centros de ensino superior, nossa entrevistada levanta uma questão interessante: *se eu não puder escrever, como vou ensinar? Se eu não puder usar o quadro ou uma transparência, como eu vou ensinar*¹⁵?

¹² Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

¹³ Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG.

¹⁴ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

¹⁵ Idem.

Percebemos que não existe uma discussão ou preocupação pelo corpo docente sobre a capacitação oferecida a aluna portadora de necessidades especiais, não oferecendo-lhe didática ou metodologia adequada as suas necessidades e realidade, para que a mesma esteja apta a ter condições de exercer suas atividades enquanto docente.

É possível efetuarmos conclusões ao final deste capítulo, porém levantando questionamentos a serem concluídos ao final deste trabalho.

Através do contato com as fontes orais das alunas portadores de necessidades especiais e professor da Universidade Federal de Uberlândia, concluímos que apesar de o contato do egresso portador de deficiência não ser feito da maneira mais adequada – acessibilidade física e metodológica – as vivências e experiências ali adquiridas como ao longo de sua vida, são como um tijolo adicionado à construção sobre si mesmo, discutindo seu papel na sociedade.

Concluímos que no processo de compreender a participação no curso de graduação, é realizado com várias facetas, algumas experiências mostram-se de uma certa forma mais conflituosas¹⁶ e outras de forma serena, até não relatando nenhum conflito nesses ambientes.

Mas, o contato com experiências e reflexões diferentes, engrandece a nossa análise e percebemos que cada portador de necessidades especiais é único, como também são suas vivências e necessidades.

Permanece porém o questionamento a ser trabalho na conclusão deste trabalho, se realmente a sociedade e o centro de ensino superior está preparado para receber o portador de necessidades especiais e também a discussão acerca do preconceito existente dentro desses grupos.

¹⁶ No que concerne a algumas expressões utilizadas pelas entrevistada, como : sentia-me mentirosa, conforme depoimento de Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, entrevista realizada em 04/12/2004 em sua residência. Uberlândia/MG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluirmos a reflexão sobre o aluno portador de deficiência no ensino superior, analisando suas vivências e experiências e a constituição das mesmas no processo de construção do agente histórico, faz-se necessário incluirmos mais duas reflexões: a sociedade está preparada para receber o portador de deficiência? O preconceito em relação ao portador de deficiência é uma ação de fora para dentro (sociedade e portador) ou também dá-se dentro deste próprio grupo?

Ao iniciarmos nossa discussão a cerca se a sociedade está preparada arquitetônica e atitudinalmente preparada para inserir o portador de deficiência, discutiremos a seguinte fala sobre a experiência da aluna portadora de deficiência na Universidade Federal de Uberlândia: *Para o professor de terceiro grau, a deficiência parece que não existe, e quando existe, é aquela coisa assim, só se ficar escancarado (...) é um senso comum que deficiente visual e auditivo não vão para a faculdade, não tem capacidade para entrar dentro de uma universidade federal*¹.

Utilizando como pano de fundo as entrevistas utilizadas ao longo desse trabalho, podemos concluir que a sociedade não está totalmente preparada para receber o portador de deficiência, ao contrário, está muito longe de oferecer-lhe acessibilidade física e social, não os identificando como cidadãos atuantes, através de suas profissões: advogados, professores, estudantes, etc.

Devemos compreender que a presença do portador de deficiência, é algo inerente à vontade do Poder Público ou dos centros de ensino superior, pois eles são parte integrante da sociedade, atuando como trabalhadores, pais e mães de família, estudantes ou professores.

É necessário traçarmos a discussão se a cidade, através de seus prédios públicos ou privados, está preparada arquitetonicamente para oferecer mobilidade, segurança e independência ao portador de deficiência. Pois, utilizando os depoimentos colhidos ao

¹ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

longo deste trabalho, podemos perceber que os prédios públicos ou privados, não possuem acessibilidade suficiente para os portadores de deficiência.

Porém, vemos também que existem algumas ações sendo tomadas como forma de amenizar essa delimitação de locomoção aos portadores de deficiência e assim, garantir que as leis de acessibilidade sejam cumpridas.

Vimos que várias são as críticas sobre os prédios da Universidade Federal de Uberlândia, localizados do Campus Santa Mônica, como a falta de rampas, banheiros adaptados e até mesmo declives muito altos, sem proteção como mostra a foto abaixo. E também demonstrado pelo depoimento: existe um buraco entre os blocos J e G (...) *eu morro de medo de cair lá, por que um passo que eu der para o lado, eu caio*² (...)

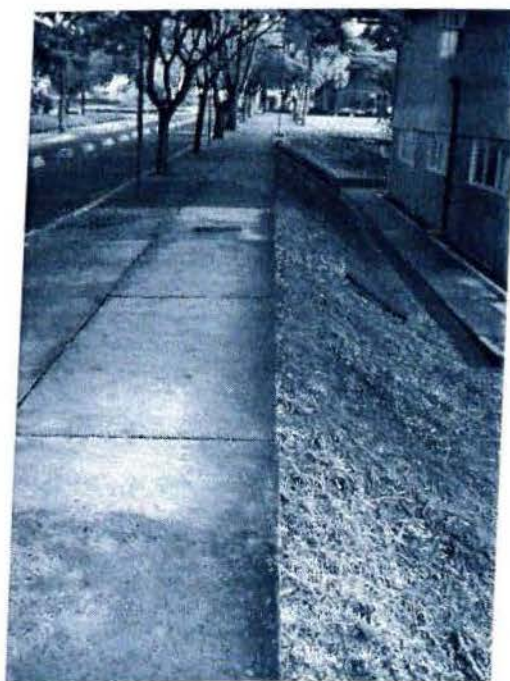


Foto 5: Imagem do passeio que dá acesso ao Bloco J, Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia/ Acervo da autora.

Mas, além das críticas, devemos também analisar que mudanças de acessibilidade estão sendo feitas para tentar garantir mais dignidade aos portadores de deficiência.

² Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

Na foto abaixo, podemos visualizar um banheiro adaptado localizado no Bloco Q do Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, sendo que no mesmo local podemos também verificar a adaptação através de rampas e corrimãos.



Foto 6: Imagem sanitário adaptado ao portador de deficiência, localizado no Bloco Q, Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia/ Acervo da autora.

Através das entrevistas coletadas, verificamos que a mudança em relação ao passeio na Rua João Pinheiro, no centro de Uberlândia, foi uma “tentativa” de melhora para o acesso tanto do portador de deficiência visual quanto para o utilitário de cadeira de rodas: *O Zaire tentou aquela mudança lá na João Pinheiro, para nós seria ótimo, se funcionasse. Por que as trilhas que ele fez, para quem usa bengala, é muito estreito.*³

Observamos que tanto a cidade com seus prédios públicos, passeios, vias de acesso quanto a Universidade Federal de Uberlândia, foram ao longo do tempo sendo construídas

³ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

para atender as necessidades da sociedade: vias de acesso mais rápidas na cidade para atender a população que cresce e a frota automobilística também crescendo, prédios novos na Universidade Federal de Uberlândia para abrigar novos cursos. Porém não havia sido pensado que dentre essa população, estariam presentes cada vez mais cidadãos portadores de deficiência, que assim, possuem necessidades especiais.

O que vemos são então mudanças como na Avenida João Pinheiro, com a colocação de trilha para os portadores de deficiência visual utilizarem com segurança e conforto, mas esqueceram-se de certificar sobre a viabilidade da utilização desses caminhos pelos principais interessados: os portadores de deficiência.

E como afirma entrevistada : *a gente vê que tentam fazer alguma coisa, mas na hora de fazer não perguntam para uma pessoa que tem o problema, 'olha o que a gente pode fazer?' (...) eles vão e fazem, e às vezes não funciona*⁴.

A questão sobre luta pela acessibilidade no âmbito da cidade, foi possível contato com informação até então desconhecida por parte da entrevistada: *Eu acho que a grande preocupação é com deficiente físico motor, então pode ver que as calçadas quase todas tem rebaixamento, estacionamento*⁵.

Vemos então, um preconceito velado, através de críticas – justificáveis - ao Poder Público sobre adaptações realizadas para o portador de deficiência utilitário de cadeiras de rodas, enquanto o portador de deficiência visual alcança algumas mudanças, porém que não surtem efeito pois não há como utilizá-las.

Podemos perceber quão múltiplo e diversa é a realidade do portador de deficiência aluno do curso superior. Foi possível traçarmos um breve caminho a respeito de suas vivências através das relações familiares, amorosas, trabalho e estudos e assim, percebermos quão ímpar e única é a percepção de cada um sobre sua condição enquanto portador de deficiência.

Entendemos que cada indivíduo através de suas experiências e vivências, possui concepções, análises e críticas diversas sobre sua inclusão enquanto sujeito histórico e também sobre a relação docente/discente.

⁴ Lane Luce Alves Barbosa Corte, 26 anos, entrevista concedida em 15/10/2004, em sua residência em Uberlândia/MG.

⁵ Idem.

Essa pesquisa foi tão engrandecedora quanto emocionante, pois após a realização das entrevistas, onde os entrevistados falaram aspectos pessoais de suas vidas, como abrindo o coração a um velho amigo, foi possível o contato com pessoas que mostraram realmente fibra e vontade de vencer, não deixando abater por dificuldades que eu pessoalmente, pensava intransponíveis.

Mas olhando para trás e analisando todas as falas analisadas, pude perceber que as alunas aqui citadas não se deixaram abater pelas dificuldades encontradas, muitas vezes até familiares, mas utilizaram as barreiras como forma de crescimento e amadurecimento.

A definição vencedora é unânime, em resposta a pergunta como elas se definem, dou-lhes razão pois além de serem portadoras de deficiência, são também mulheres, gênero que nós sabemos que ainda hoje é menosprezado em alguns campos dentro da sociedade.

Refletindo também pelo caminho trilhado no decorrer deste trabalho, observo que algumas questões ficaram em aberto e necessitaríamos de um momento para focaliza-las: analisar a relação dos portadores de deficiência entre si, pesquisando individualmente cada grupo como deficientes visuais, auditivos e motores compreendendo suas análises enquanto um grupo.

Considero também interessante uma pesquisa a respeito da quantidade de alunos portadores de deficiência existentes dentro da Universidade Federal de Uberlândia e a sua realidade acadêmica, considerando frequência de aulas, média de notas, ou seja, traçar uma comparação em relação ao seu perfil acadêmico e o restante dos alunos.

Seria importante também fazer um mapeamento acerca das condições de acessibilidade oferecidas pela Universidade Federal de Uberlândia, considerando uma análise minuciosa sobre as condições oferecidas em todos os blocos do Campus Santa Mônica, Campus Umuruama e Campus Educação Física.

Porém, são caminhos a serem seguidos no futuro e que não foram possíveis no momento, devido a uma questão de tempo curto para pesquisa e levantamento dos dados.

Mas, podemos dizer que as adaptações precisam ser feitas urgentemente, pois os estudantes universitários portadores de deficiência, serão os profissionais de amanhã e a Universidade e o Poder Público precisam repensar seus conceitos sobre oferecer acesso físico e intelectual a todos os seus cidadãos.

FONTES ORAIS

Alaurinda Cristiani de Carvalho Barros, formou-se pelo curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia, entrevista cedida em 04/12/2004 em sua residência. Alaurinda era portadora de ceratocônia, uma disfunção na córnea onde perdeu a visão do olho esquerdo e no olho direito utilizava óculos com grau 20. Mas realizou transplante, onde recuperou a visão. Trabalha como professora do ensino médio Escola Municipal Professor Ladário Teixeira.

Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG, contraiu poliomelite ao um ano e meio de idade. Trabalha como professora do ensino primário Escola Municipal Professor Ladário Texeira.

Lane Luce Alves Barbosa Corte, possui Mal de Stargarde (perda progressiva da visão, chegando à baixa visão com 5% de visão), entrevista concedida em 15/10/2004, na residência da entrevistada em Uberlândia/MG. Formada em Artes Cênicas pelas Universidade Federal de Uberlândia e atualmente está cursando Letras no mesmo centro de ensino.

Luciana Rodrigues, nascida em 1980, entrevista em Uberlândia/MG, 17 de junho de 2004. Cristina Malaquias dos Santos, entrevista realizada em 03/01/2005 em sua residência, Uberlândia/MG. Formada em Direito pela Universidade do Triângulo em 2004.

Neusa de Fátima, diretora presidente da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/05, no endereço da instituição em Uberlândia/MG.

Sertório, professor de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, ministra aula no curso de História. Entrevista concedida em 17/12/2004.

Rodrigo Santos Souza, aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, professor de esportes da ADEVIUD, entrevista concedida em 10/01/2005, na instituição. Uberlândia/MG

BIBLIOGRAFIA

DEWEY, J. Meu credo pedagógico. 1897.

KHOURY, Y, A. Narrativas orais na investigação da História Social. In: Projeto História. São Paulo. EDUC. número 22. Junho 2001.

MAZZOTA, M. J. In: Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas. São Paulo. 1996.

MEC Brasil. SEESP, 1994.

RODRIGUES, D. Artigo divulgado no site www.ufsm.br, edição 2004. número 23.

THOMPSON, E.P. A voz do passado: História Oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1992